

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Journal da Tarde

Class.:

113

Data

15 de julho de 1978

Pg.:

JT 15.7.78

A quem interessa a emancipação indígena, afinal?

O antropólogo Darcy Ribeiro denunciou, ontem na SBPC, que o projeto de emancipação do índio anunciado pela Funai tem um objetivo fundamental: entregar as terras indígenas a poderosos grupos de fazendeiros. Para Darcy Ribeiro, que participou de uma mesa-redonda a respeito da emancipação, é suspeita a maneira com que o ministro Rangel Reis, do Interior, está encaminhando esta questão.

— E de se perguntar — disse Darcy Ribeiro — se o ministro não está fazendo isto para defender os interesses dos fazendeiros que arrendaram, no sul do Mato Grosso, as terras dos índios Cadiuel, entre a Serra da Bodoquema e o rio Paraguai.

Darcy Ribeiro disse que aquelas terras foram reservadas aos índios em 1904, diretamente pelo marechal Rondon. São terras "relativamente grandes", milhões de hectares. E o marechal Rondon assim decidiu em função da atitude destes índios, que, em fins do século XVIII, se colocaram ao lado dos portugueses na luta contra os espanhóis, dando ao Brasil um território maior do que São Paulo.

Segundo Darcy Ribeiro, há muitos anos as terras destes índios são cobijadas pelo fazendeiros. Há alguns anos, a própria Assembléia Legislativa do Mato Grosso anulou a cessão das terras, ato que foi derrotado no Supremo Tribunal Federal, posteriormente. Depois disto, nos últimos cinco anos, a Funai — "estranhamente", para Darcy Ribeiro — arrendou cerca de 1.500.000 hectares das terras dos índios Cadiuel para fazendeiros que defendiam o nome de Rangel Reis para governador do Mato Grosso do Sul. Assim, para o criador da Universidade de Brasília, interesses políticos "mesquinhos, menores" estão pressionando pela "emancipação do índio". O objetivo final seria tornar os índios individualmente minifundiários, para que, em poucas semanas, vendessem suas terras, virando, em seguida, "pobres bóias-frias".

Da mesa-redonda, participaram também Lux Vidal, Carmen Junqueira, o norte-americano Shelton H. Davis e o bispo dom Thomas Balduino — que disse que os índios têm repetido que não estão interessados na "emancipação" de que a Funai está falando. Mas que, "para muita gente, índio não sabe nem pensar, nem falar" e que, quando o índio faz um documento como o das Ruínas de São Miguel, logo se pensa que o CIMI foi quem escreveu".

Lux Vidal disse que, no momento, os índios estão sofrendo, como nunca, o impacto das frentes de trabalho e dos planos do governo federal. E que isto se dá num momento em que o índio está na moda, isto é, a questão indígena hoje é intensamente discutida por alguns setores da sociedade urbana. Para ela, os índios estão sendo sacrificados pelos projetos econômicos oficiais, ao mesmo tempo em que a assistência da Funai se revela ineficiente e inadequada. "Não há nenhum grupo em

condição de ser emancipado" — disse Lux Vidal. "A emancipação de fato seria tornar a comunidade indígena menos dependente do Estado. Ela começaria pela delimitação de onde e como o Estado deve intervir."

Segundo dom Thomas Balduino, o grande risco das disposições atuais do governo diante do índio é que se pretende terminar com o caráter tribal da propriedade da terra, substituindo-o pelo caráter individual. Isto, segundo o bispo, seria uma violência contra a própria concepção indígena da propriedade da terra, que nela vê um caráter religioso, místico — e não de um simples bem material.

Quanto à maneira com que o governo vem encaminhando a questão, para d. Thomas isto se liga a todo o caráter autoritário do sistema, que "se supõe o único conhecedor do homem e das coisas". Para ele, a mentalidade "desenvolvimentista" valoriza mais uma grande hidrelétrica do que uma tribo. E mais: o governo encara a questão do índio do ponto de vista da segurança nacional, achando preferível a destrabalização.

Carmen Junqueira analisou o índio do ponto de vista de seu papel na produção, encarando-o como um trabalhador pobre, que tem terras mas não tem meio de cultivá-las. Por outro lado, o índio enfrentaria todos os problemas que enfrentam os setores da população que não têm possibilidade de expressão, sendo assim duplamente oprimido.

O americano Shelton Davis, que escreveu há pouco uma obra denominada "As Vítimas do Milagre", disse, seguindo a linha de análise de Darcy Ribeiro, ser necessário relacionar o problema do índio ao que acontece na sociedade global. Ele e alguns outros estudiosos de seu país estão tentando pensar a questão indígena dentro do "chamado milagre brasileiro". Nesta análise, Shelton Davis leva em conta o planejamento econômico oficial, as estratégias de investimento das multinacionais e dos grandes bancos estrangeiros no país, principalmente nas áreas em que vivem tribos indígenas. Darcy Ribeiro foi demoradamente aplaudido quando disse que cabia a São Paulo liderar a luta em defesa dos índios.

Segundo contou, no começo do século XX um eminente professor de origem alemã, fundador do Museu Paulista, ficou perturbado com os mortais ataques de tribos indígenas a emigrantes também alemães, que chegavam naquela oportunidade a Santa Catarina. O que fez este professor? Apeliou por expedições de soldados armados, para eliminar os índios. Neste momento — disse Darcy — toda a sociedade paulista se revoltou e fez um movimento que terminou com a fundação da Sociedade de Proteção ao Índio. E a SPI teve à sua frente a figura do marechal Rondon, autor, para Darcy, da mais bela frase do humanismo brasileiro:

— Morrer, se necessário; matar nunca.